

## O DESTINO DOS FILHOS DE NINGUÉM: os expostos-adultos da Freguesia de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> da Apresentação Setecentista

Thiago do Nascimento Torres de Paula  
Mestre em História - UFRN

**RESUMO:** Este texto é parte de uma pesquisa sobre crianças expostas (abandonadas) na Freguesia de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> da Apresentação, na Capitania do Rio Grande do Norte, na segunda metade do século XVIII. O nosso objetivo é analisar como a sociedade da freguesia em seu cotidiano construiu espaços de vivência para os adultos que um dia foram enjeitados. Os assentos de batismo foram as fontes utilizadas. Os procedimentos adotados nesta documentação foram: transcrição, fichamento e quantificação. Quantificamos os seguintes elementos: naturalidade, gênero, condições de legitimidade dos filhos e os locais de abandono dos tais adultos quando recém-nascidos. A partir daí, foi possível detectar a presença “regular” desses protagonistas anônimos da história em meio à comunidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** crianças expostas, Freguesia de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> da Apresentação, século XVIII.

**ABSTRACT:** This work is part of a research related to the *exposed ones*, children who were abandoned at Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, a civil parish at a Rio Grande do Norte captaincy during the second half of the eighteenth century. Thus it aims to analyze the ways this society dealt and lived with these adults that were once rejected. The information fonts used in the research consisted of baptism records. The documentation used were transcription, *résumés* and quantification procedures. The main elements were quantified such as: birth, gender, the children's legitimacy conditions as well an analysis of the places where they were abandoned as newborns. At the end it was possible to detect the “regular” presence of the main characters, considered anonymous amongst the community.

**KEY-WORDS:** children *exposed*, Freguesia de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> da Apresentação, eighteenth century.

O objetivo deste texto é analisar como certos adultos - quando recém-nascidos - foram abandonados no espaço da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação da

---

Capitania do Rio Grande do Norte<sup>1</sup>, e que, a partir de atitudes da sociedade, tiveram seus “espaços de vivência” construídos em meio àquela comunidade. Dentro dessa mesma discussão, queremos apresentar como alguns abandonados foram encaminhados para a vida adulta em outras localidades da América portuguesa.

Sendo assim, apesar da alta mortalidade infantil, nos mais variados espaços da colônia, houve localidades onde alguns expostos quase que “heroicamente” conseguiram “driblar” a morte, tão presente na vida cotidiana dos moradores, e chegaram à idade adulta.

Devemos sublinhar que existem pouquíssimas informações ou mesmo quase nenhuma, sobre a inserção desses adultos na sociedade. Adultos esses que, quando recém-paridos, tiveram dois destinos: o primeiro, as portas dos domicílios; o segundo, a Roda dos expostos, caso houvesse na região.

Carlos de Almeida Prado Bacellar nos oferece um verdadeiro panorama relativo às relações matrimoniais desses enjeitados para a vila de Sorocaba

Para efeito de análise, foram identificados, para o período entre 1679 e 1830, 273 assentos de casamentos em que pelo menos um dos cônjuges era declarado exposto. Doze dessas uniões foram celebradas com os dois cônjuges enjeitados, o que eleva o total de casos para 285. Dentre estes, havia uma nítida predominância de noivas expostas, 181 (63,5%), sobre os noivos expostos, 104 (36,5%). Esta proporção vai de encontro à igualdade entre os identificados quando do abandono, mostrando que, por ocasião do matrimônio, as moças expostas tinham maiores possibilidade de casar. Ou, pelo menos, maiores chances de alcançar uma união conjugal diante do altar, já que não é possível medir as uniões informais. Eram, aparentemente, mais valorizadas enquanto cônjuges, mas não sabemos o porquê (BACELLAR, 2002: 36).

Depois de montar esse quadro, Bacellar aproxima-se um pouco mais deles, e especificamente nos revela uma mínima parte da vida da exposta Gertrudes:

[...] exposta na casa do guarda-mor Antônio João Ordonho e de dona Ermenegilda Ferreira Prestes, grandes agricultores, possuidores de mais de quarenta escravos. Gertrudes, nascida e exposta por volta de 1790, era claramente considerada agregada. Casou-se, em 1804, com Custódio Pereira, jovem filho de humildes agricultores, e constituíram um lar extremamente simples. Na colheita do ano de 1807, por exemplo, declararam haver colhido somente três arrobas de algodão, enquanto que em 1810 teriam produzido apenas doze alqueires de milho e quatro arrobas de algodão. Gertrudes, após enviuvar, casou-se novamente, em 1818, com José Pedroso, igualmente pequeno lavrador (BACELLAR, 2002: 37).

---

<sup>1</sup> “As freguesias [...], correspondiam às áreas de assistência religiosa, implicado na presença de padres, igrejas e capelas, e abrangiam grandes áreas onde a população vivia dispersa em diferentes fazendas, apesar de existirem pequenos povoados” (MONTEIRO, 2000: 93).

O caso de Gertrudes exposta deixa bastante evidente que, foi a intenção dos pais biológicos da enjeitada abandoná-la em um domicílio com posses, buscando uma “vida melhor” para a filha. Pelo menos, uma coisa eles conseguiram: livrá-la de uma morte prematura. Sendo assim, a exposta não foi incorporada à família, mas sim ao domicílio.

Como nada é regra, houve exemplos de expostos que, quando adultos, puderam ter uma vida um pouco mais confortável. Bacellar nos apresenta outro enjeitado, que teve um futuro relativamente diferente dos demais expostos da colônia:

[...] bem sucedida foi Esméria Rita do Vale. Batizada como exposta na casa de Manuel do Vale Pereira, carioca instalado em Sorocaba, e sem filhos, casou-se com o tenente Francisco Vicente Torres, viúvo, lavrador de médio porte, dono de cerca de meia dúzia de escravos. Um bom casamento, sem dúvida, pois o tenente tinha padrão sócio-econômico superior ao do seu sogro Manuel, transformando o matrimônio em uma forma de ascensão social para a jovem Esméria (BACELLAR, 2002: 38).

De maneira geral, Maria Luiza Marcílio nos oferece também informações, embora poucas, sobre expostos que se tornaram adultos, porém em regiões bem diferentes da vila Sorocaba como, por exemplo, nos grandes centros urbanos da América portuguesa. Nesses centros, as Santas Casas da Misericórdia não conseguiam cuidar de todas as crianças que retornavam do período de criação, que era realizada em casa de mulheres pagas pelas Misericórdias. Como eram pouquíssimas as amas-criadeiras que aceitavam continuar com os enjeitados ( deveriam fazê-lo sem receber nenhum subsídio), os expostos acabavam sem ter para onde ir. E, sem destino certo, os pequenos desvalidos terminavam “perambulando pelas ruas, prostituindo-se ou vivendo de esmolas ou de pequenos furtos”. (MARCÍLIO, 2001: 75).

Diante dessa realidade, as Santas Casas ainda buscavam famílias que pudessem receber os expostos como aprendizes, no caso dos meninos, ofícios ou ocupações como: ferreiro; sapateiro; caixeiro; etc. Outra possibilidade para os meninos enjeitados seria o encaminhamento para as Companhias de Aprendizes de Marinheiro, ou de Aprendizes do Arsenal da Guerra, pois:

A construção de embarcações exigia a presença de trabalhadores diversos, especializados ou não especializados. Daí instalarem oficinas para os expostos se iniciarem em ofícios de marceneiro, calafate, ferreiro, tanoeiro, pedreiro, tecelão e outros mais. No estaleiro a criança vivia ao lado de presos, escravos e degredados. Sua alimentação era tão fraca, à base quase só de farinha de mandioca, que acabavam definhando e muitas morrendo. No testemunho de um médico do Rio de Janeiro, que observou as crianças do Arsenal da Marinha, a

maioria delas “comia terra” e tinha o corpo enfraquecido pelos parasitas intestinais (MARCÍLIO, 2001: 76).

Diane Valdez concorda plenamente com Marcílio quanto aos projetos de proteção às crianças desvalidas de sexo masculino, basicamente fundamentados na pedagogia militar. De fato, a historiadora confirma, “obedecendo a uma disciplina rígida, os meninos se viam em uma dura rotina de revista, marchas, aulas, oficinas, rezas e de punições, à menor falta cometida.” (VALDEZ, 2003: 20).

Renato Pinto Venâncio aponta outro caminho para os expostos de sexo masculino que se tornavam adultos: a carreira eclesiástica.

Se durante a infância eles eram vistos como filhos do pecado, tudo se modificava quando conseguiam ser admitidos nos seminários. O sacerdócio os “purificava” socialmente, além de abrir possibilidades de ascensão social, seja na burocracia eclesiástica, seja na atividade política, como foi comum entre o clero do Império (VENÂNCIO, 1999: 147).

Sendo assim, Paulo César Garcez Martins corrobora com as pesquisas de Venâncio e nos revela que o padre Diogo Feijó, regente do Império brasileiro, foi batizado como exposto e declarado de pais incógnitos. (MARTINS, 2002: 55)). Miriam Dolhnikoff faz um comentário mais amplo sobre o ilustre enjeitado: exposto em uma porta domiciliar, como tantos outros anônimos da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação:

Diogo Antônio Feijó, [...] nasceu em 1784 como filho ilegítimo de uma rica família paulista, os Camargos. Esta é a hipótese mais aceita pelos historiadores para uma origem não identificada, já que o recém-nascido foi abandonado por uma mãe provavelmente solteira que, para fugir à desonra, deixou a criança na porta da própria casa, de modo a criá-lo sem expor à condenação pública (DOLHNIKOFF, 2004: 72).

Tal como em outros espaços da colônia, também foi possível identificar nas terras da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação a existência de alguns poucos adultos que, uma vez recém-nascidos, foram abandonados. No entanto, as informações obtidas sobre o pequeno conjunto de expostos-adultos, que viviam na freguesia, foram extremamente precárias e rarefeitas no sentido estrito da palavra.

A precariedade e o reduzido nível de informações relativas aos expostos-adultos da dita freguesia estão relacionados com o próprio conteúdo das fontes investigadas, pois, “o limite do historiador é imposto pela documentação” (LINHARES, 1981: 74). Sobretudo

---

porque a fonte “*não é objeto, mas meio de conhecimento*”, que deve ser cuidadosamente tratado e analisado do ponto de vista da crítica. (RODRIGUES, 1969: 234).

A documentação nos oferece poucos dados sobre esses protagonistas da história, como: a localidade de onde eles eram originados; a condição dos filhos dos enjeitados, se eram legítimos ou bastardos; os seus gêneros e também o local de seus respectivos abandonos quando crianças, na condição de recém-nascidos.

O conjunto desses adultos, em um período de praticamente 50 anos, na região da freguesia, não é significativo, pois em números absolutos eles correspondiam a 20 pessoas. Se tomarmos a contagem populacional do ano de 1808 <sup>2</sup>, os tais expostos-adultos representavam aproximadamente, 0,3% do total de moradores.

No relativo à origem dos expostos que conseguiram se projetar para uma vida adulta, podemos revelar que eles eram na maioria naturais da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação. Representados por uma cifra de 12 indivíduos (60%), enquanto arrolamos uma relação na qual seis desses enjeitados (30%), eram vindos de outras freguesias. Com relação a dois deles (10%), a documentação não apresentou suas naturalidades.

A documentação nos informa que 70% dos expostos adultos foram abandonados nas portas de domicílios, não fazendo nenhuma referência ao local onde os outros 30% foram deixados. Nota-se que o modelo de abandono seguia predominantemente o caráter de proteção, se equiparando a própria maneira de abandonar dos muitos genitores da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, que deixaram os seus filhos recém-nascidos pelas muitas “portas residenciais” da região.

Um fato curioso é a distribuição de sexo desses expostos-adultos que, ao ser calculada, mostrou-se extremamente equilibrada, sendo 10 homens (50%) e 10 mulheres (50%)<sup>3</sup>. Devemos frisar que tal aspecto equânime dos números se aproxima do índice identificado por Barcellar, para vila de Sorocaba, representando uma simples flutuação populacional.

Saindo um pouco da discussão numérica e aproximando-se um pouco desses adultos que tiveram suas origens na prática do abandono, podemos destacar o caso do único exposto-adulto identificado nos documentos de óbito. O colono que tinha por nome José exposto (sic) faleceu em 1761, com 68 anos de idade, segundo constava em seu registro de enterramento. Salientamos que ele deve ter vivido possivelmente toda a sua vida

---

<sup>2</sup> Nesse ano a cidade do Natal tinha uma população de 5919 habitantes (CASCUDO, 1999: 94-95).

<sup>3</sup> Os documentos de batismos não revelaram a existência de expostos casados entre si. No entanto, somente uma pesquisa nos livros de casamentos da freguesia poderia nos oferecer informações sobre esse tipo de junção matrimonial. Tal pesquisa está em processo.

na freguesia, já que foi sepultado na capela do Senhor Santo Antonio do Potengi, envolto em mortalha de pano branco, e na condição de homem solteiro, pois não existia menção a cônjuge algum (LIVRO DE ÓBITO, 1760-1765: 20v).

Representando uma parcela diminuta da comunidade estudada, os ditos expostos-adultos chegaram a ocupar algumas posições de destaque na sociedade. Mesmo que tal status estive relacionado às suas vidas privadas, tomavam, sobretudo, forma na vida pública de cada um deles. Status esse que se relacionava com os ritos espirituais e temporais, nos quais se configuraram em um corriqueiro ato de apadrinhar uma criança, até a realização de um matrimônio com um personagem tido como importante na sociedade.

Para consubstanciar esse raciocínio, tomamos Ronaldo Vainfas que considera que o cotidiano liga-se às estruturas e ao social global. Contudo, a vida privada se ligaria à domesticidade e a familiaridade. Vainfas esclarece, ainda, que não existem motivos para pensá-los de maneiras excludentes, *“uma vez que a dimensão da familiaridade ou da intimidade pode ou deve ser perfeitamente percebida na cotidianidade”*. (VAINFAS, 1996: 14).

Todavia, Laura Mello e Souza realiza uma verdadeira ampliação da linha de pensamento de Vainfas, quando afirma que “cotidiano e vida privada assumem contornos específicos em situações históricas específicas”. Evidencia que a diferença entre o espaço público e o privado vai além dos limites da familiaridade, já que “o âmbito privado deve ser associado ao indivíduo e simultaneamente oposto ao âmbito público onde se espraia o estado”. Sendo assim, ainda complementa que, *“no mundo pré-capitalista, e na ausência de um estado definido, os contornos entre cotidiano e vida privada se esfumariam”*. (MELLO E SOUZA, 1996: 64-65).

Retomando a discussão sobre os expostos-adultos que se destacaram em meio aos seus pares na Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, podemos tecer alguns comentários.

Temos o caso de uma enjeitada que ocupou muito claramente uma posição de suposto destaque na freguesia. Já que ela foi casada com o Alferes Domingos João Campos, natural da Freguesia de Nossa Senhora do Rozario do Campo (sic), Bispado de Viseu. Além disso, a exposta, que atendia pelo nome de Dona Rosa Maria de Mendonça, tinha sido, quando recém-nascida, abandonada em casa do Sargento-mor Mario de Crasto Rocha. (LIVROS DE BATISMO, 1765-1766: 8).

Nota-se que o possível destaque da dita exposta-adulta, na sociedade local, advinha principalmente do seu matrimônio, pois o seu marido era detentor de uma patente militar

que, desde o ano de 1739, era concedido, apenas, a homens que fossem moradores de comunidades com menos de cem habitantes (SALGADO, 1985: 314).

Sobretudo, o que mais nos impressionou foram as atitudes tomadas pelos familiares da nossa exposta- adulta, mediante a outros enjeitados da freguesia. Salvaguardamos que, na data de 30 de novembro de 1768, às dez horas da noite, foi encontrado por Joam Gomes de Mello (sic), um recém-nascido abandonado em casa de Antonio Ferreira.

O tal exposto em questão fora levado à pia de batismo oito dias após ter sido “parido pela noite”, aos 8 de dezembro do mesmo ano, onde recebeu o mesmo nome de seu padrinho, Manoel. Apadrinharam o pequeno desvalido, Manoel Fernandes Campos, filho do Alferes Domingos João de Campos e Theresa de Jesus Maria (sic), filha do proprietário do domicílio em que Manoel fora abandonado. (LIVROS DE BATISMO, 1768-1770: 33).

Devemos levar em conta que Manoel Fernandes Campos tornou-se familiar espiritual de uma criança que tinha a mesma origem de sua suposta mãe.<sup>4</sup> Não podemos esquecer que a esposa desse colono também era uma exposta-adulta.

Um ano antes do batizado do pequenino Manoel exposto, ligou-se, indiretamente, por laços espirituais, segundo as regras da Igreja, a Dona Rosa Maria Mendonça, e a sua possível nora, ambas expostas, já que o colono Manuel Fernandes Campos tinha apadrinhado o enjeitado citado. Na realidade, o que detectamos, nessa análise, foram expostos e que se ligavam a expostos, mesmo que fosse colateralmente. No ano anterior, o Alferes se tornou padrinho de sua própria neta, tendo por madrinha a própria tia. Sendo assim:

**Maria filha de Manoel Fernandes Campos, e de Dona Antonia Maria de Mendonça exposta em casa da Dona Maria Magdalena de Mendonça já defuncta** foi bautizada com os sanctos oleos na capella de Nossa Senhora da Conceição de Jundiahi de licença minha pelo padre Jose Vieyra Afonço aos vinte, e nove de dezembro de mil settecentos, e secenta, e sette. Forão Padrinhos o Alferez Domingos João de Campos, e sua filha Dona Anna Guiteria todos desta freguesia, e não constava mais da Certidão, doque fis este termo, em que por verdade me-assinei. Pantaleão da Costa de Araujo / Vigario do Rio grande (Grifo nosso) (LIVROS DE BATISMO, 1768-1770: 4).

Como se viu, a menina a qual acreditamos ter sido neta da exposta Rosa Maria de Mendonça, e neta-afilhada de seu marido, compôs o conjunto populacional de filhos

---

<sup>4</sup> Deixamos na incerteza a origem materna desse colono, pois não sabemos se a exposta Rosa Maria de Mendonça fora a primeira esposa de seu pai. Tal lacuna só poderá ser preenchida com uma investigação nos livros de Assentos de casamento da freguesia, que não foram utilizados nessa pesquisa.

illegítimos, pois os pais não eram casados oficialmente. Nota-se, também, que a mãe da pequena Maria, a exposta Dona Antonia Maria Mendonça herdou o sobrenome da proprietária do domicílio onde foi abandonada, possivelmente concedido pela Senhora Dona Maria Magdalena de Mendonça (sic), falecida em 29 de dezembro de 1767, quando a sua “netinha” recebeu o primeiro sacramento.

Uma pergunta, tal como muitas outras perguntas sobre o mundo colonial, ficará sem resposta. Será que mesmo tendo sido enjeitada na casa do Sargento-mor Mario de Crasto Rocha, Dona Rosa Maria de Mendonça não foi criada na residência da finada Dona Maria Magdanela de Mendonça? Ou será que a dita finada era sua madrinha? A nítida semelhança entre os nomes de Dona Rosa Maria de Mendonça exposta, e Dona Antonia Maria Mendonça exposta, direciona para Dona Maria Magdalena de Mendonça. Mas não sabemos, já que a investigação sobre recém-nascidos abandonados nos permite um alcance longitudinal muito curto.

Por outro lado, a transmissão de nomes na colônia era extremamente complicada, como já foi discutido (MARCILIO, 1986: 204), ainda mais em se tratando de crianças expostas, que, algumas vezes, não recebiam os donos do domicílio onde foram deixados como padrinhos, e sendo assim, cresciam como agregados. Na vila de Sorocaba, foram pouquíssimos os enjeitados que contraíram o sobrenome das famílias receptoras. (BACELLAR, 2002: 26).

Assim, anos mais tarde, quando se contabilizava em torno de vinte e cinco anos desde aquele batizado da pequena Maria, tivemos conhecimento que o Alferes Domingos João Campos voltou a se ligar por laços de apadrinhamento a pessoas com origem no abandono domiciliar.

No ano de 1792, o colono Jose Rodrigues Silveira (sic), teve abandonado em sua casa um recém-nascido do sexo masculino. Isso ocorreu mais especificamente na data de 6 de julho. No ato do batismo, o enjeitado recebeu o nome de Nicacio, e teve como seus padrinhos o dito militar Domingos João Campos, e Josefa Joaquina, filha de José Martins Prassa. Foi batizado no espaço religioso da capela de Nossa Senhora da Conceição de Jundiaí, dois dias depois de ser encontrado na “porta do colono”. (LIVRO DE BATISMO, 1786-1795: 141v).

Dessa maneira, mesmo que superficialmente, podemos entrever uma certa “afinidade” de Domingos João de Campos por pessoas de genitores “desconhecidos”. Simples acaso? Não sabemos mais uma vez, e supomos que nunca saberemos, já que isso é o máximo que a documentação setecentista de batismo pode nos oferecer.

Nesse mesmo contexto, ressaltamos que a escolha da madrinha de Nicacio exposto não foi uma atitude aleatória. A família de Josefa Joaquina já tinha experiência no acolhimento desses desvalidos. Veja, pois, o fragmento abaixo:

**Rita filha legítima de Joaquim Lino Rangel exposto em casa de Antonio Martins Prasa Junior e de Anna Francisca Barbosa naturais desta Freguesia** neta materna de Felis Barbosa (...) natural de Pernambuco e de Antonia Maria da Conceição natural desta Freguesia nascio aos vinte e sete de junho de mil settecentos e oitenta e sette e foi batizada com os santos oleos aos vinte e quatro de julho do dito anno de licença minha nesta Matrix pelo padre Francisco Manuel Marciel de Mello e forão padrinhos José Teixeira casado e Maria Ignacia solteira e não se continha mais em dito asento do que mandei fazer este em que por verdade me assigno. Pantaleão da Costa de Araújo / Vigario do Rio grande (Grifo nosso) (LIVRO DE BATISMO, 1786-1795: 4).

Também houve momentos do cotidiano da freguesia na qual um certo exposto-adulto se tornou compadre de uma colona por nome de Maria de Oliveira, que era mestiça, solteira, e dizia não saber quem seria o pai de sua filha. (LIVRO DE BATISMO, 1755-1757: 22v). Nesse contexto de ilegitimidade, Vitoria Gomes (sic) - abandonada em casa de Dona Nareuza - batizou sua filha Caetana, como sendo filha natural, na capela de São Gonçalo, na data de 04 de agosto de 1788. (LIVRO DE BATISMO, 1786-1795: 18v).

No entanto, durante a segunda metade do século XVIII tivemos enjeitados que se tornaram adultos, homens e mulheres, e como outros colonos viveram seus dias superando as dificuldades do mundo colonial e perpetuando suas famílias. Acreditamos ter sido esse o caminho de Francisco Xavier dos Sanctos (sic), que foi pai dos recém-nascidos, Jose (sic) e Sebastiana (sic). Ambos receberam os santos óleos também na capela de São Gonçalo. (LIVROS DE BATISMO, 1765-1766: 5).

Assim, casos foram se sucedendo no dia-a-dia da freguesia, como ocorreu com o exposto Luçiano Ferrera da Costa (sic), que foi pai de dois filhos legítimos: um não foi possível saber o nome, mas era um menino; o outro também de sexo masculino, recebeu o nome de Antonio. (LIVROS DE BATISMO, 1760-1761: 6 / 1761-1763: 16).

Mencionamos que o espaço da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação não só acolheu seus expostos, independentemente da idade, mas inclusive aqueles que foram enjeitados longe dali. Uma situação dessas foi a de Anna de Mello (sic), exposta na ribeira do Capibaribe, e que pariu Antonio, filho legítimo, nas terras da Apresentação, capitania do Rio Grande do Norte. (LIVRO DE BATISMO, 1768-1770: 3).

Enfim, a modalidade do abandono que predominou entre os moradores daquela jurisdição eclesiástica foi a domiciliar, na qual se buscava uma proteção para o recém-

nascido exposto. De fato, não detectamos crianças encontradas mortas por animais, devido ao abandono em lugares ermos. Salientamos, também, que a pequena população de crianças enjeitadas que “circulara” na freguesia, na segunda metade do século XVIII, não recebeu nenhum auxílio por parte dos poderes públicos, como o Estado e Igreja. Isso deixa evidente a prática de recolhimento e acolhimento informal realizada pelas famílias da localidade, gerando, em alguns momentos, estratégias, e transformando o exposto em elo social visando sustentá-lo, livrando-o, assim, de uma morte iminente, e projetando-os, em alguns casos, para uma vida adulta.

Em suma, todas essas relações apresentadas nos possibilitam compreender um pouco o que Fernando A. Novais denominou de “*núcleo da camada de sensações*” que caracterizava o viver em colônia nos tempos modernos. (NOVAIS, 1997: 13).

### Fontes

Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Livros de batismos da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação / Capitania do Rio Grande do Norte.

Livro: 1753 – 1755.  
Livro: 1755 – 1757.  
Livro: 1760 – 1761.  
Livro: 1761 – 1763.  
Livro: 1763 – 1765.  
Livro: 1765 – 1766.  
Livro: 1768 – 1770.  
Livro: 1770 – 1777.  
Livro: 1786 – 1795.

Livros de óbitos da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação / Capitania do Rio Grande do Norte.

Livro: 1760 – 1765.  
Livro: 1762 – 1765.  
Livro: 1767.  
Livro: 1768.  
Livro: 1780 – 1784.  
Livro: 1784 – 1791.  
Livro: 1788 – 1802.  
Livro: 1792 – 1793.  
Livro: 1795 – 1802.

---

### Referências Bibliográficas

BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. Abandonados nas soleiras das portas: a exposição de crianças nos domicílios de Sorocaba, Século XVIII e XIX. In: *Segredos de família*. São Paulo: Ed. Annablume/Menge-USP/Fapesp, 2002. p. 15-41.

CASCUDO, Luis da Câmara. *História da cidade do Natal*. 3.ed. Natal: Ed. IHG/RN, 1999.

DOLHNIKOFF, Miriam. Feijó, um liberal do século XIX. *Nossa História*, Rio de Janeiro Biblioteca Nacional, n.6, p. 72 – 75, 2004.

DEL PRIORE, Mary. Ritos da vida privada. In: *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1997. p. 275-330.

LINHARES, Maria Yedda Leite, SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *História da agricultura brasileira: combates e controvérsias*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.

MARCILIO, Maria Luiza. A roda dos expostos e a criança abandonada na história do Brasil. 1726 – 1950. In: *História Social da Infância no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2001. p. 53-79.

\_\_\_\_\_. *Caiçara: terra e população – Estudo de demografia histórica e da história social de Ubatuba*. São Paulo: Ed. Paulinas / CEDHAL, 1986.

MARTINS, Paulo César Garcez. Mulheres de elite, filhos naturais – São Paulo, séculos XVIII e XIX. In: *Segredos de família*. São Paulo: Ed. Annablume; Nenge/USP; Fapesp, 2002. p. 43-60.

MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução à história do Rio Grande do Norte*. Natal: Ed. UFRN, 2000.

MELLO E SOUZA, Laura de, NOVAIS, Fernando A. Comentário VI. História da vida privada: dilemas, paradigmas, escalas. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, v.4, p. 63 – 68, 1996.

NOVAIS, Fernando A. Condições da privacidade na colônia. In: *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1997. p. 13-39.

RODRIGUES, José Honório. *Teoria da História do Brasil: introdução metodológica*. 3.ed. São Paulo: Ed. Companhia Nacional, 1969.

SALGADO, Graça (Coord.). *Fiscais e meirinhos: a administração no Brasil colonial*. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. Novas Fronteiras, 1985.

VAINFAS, Ronaldo. História da vida privada: dilemas, paradigmas, escalas. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, v. 4, 1996.

VALDEZ, Diane. *História da infância em Goiás: século XVIII e XIX*. Goiânia: Ed. Alternativa, 2003.

O DESTINO DOS FILHOS DE NINGUÉM: os expostos-adultos da Freguesia de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> da  
Apresentação Setecentista - por Thiago do Nascimento Torres de Paula

---

VENÂNCIO, Renato Pinto. *Famílias abandonadas*: assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador – séculos XVIII e XIX. Campinas: Ed. Papirus, 1999.

**Recebido em: 15/09/2008**

**Aprovado em: 28/12/2008**